

## Oficinas de arteterapia no âmbito do CRR-Norte

Walace Rodrigues<sup>1</sup>

### Resumo

Este escrito se coloca como um relato de experiência sobre as oficinas de arteterapia, no âmbito do Centro Regional de Referência sobre Drogas (CRR-Norte). A Universidade Federal do Tocantins (UFT) tomou parte nas atividades do CRR-Norte através da participação de vários profissionais, entre professores, enfermeiros, psicólogos etc. Este trabalho busca mostrar nossa vivência em tais oficinas e tem o amparo de uma bibliografia de apoio para uma melhor discussão sobre o tema. Os resultados mostraram a visão extremamente proveitosa de tal oficina para aqueles que trabalham diretamente com os dependentes e que são as pessoas primeiramente responsáveis pelo empoderamento dos dependentes em seus cuidados.

**Palavras-chave:** Drogas; Apoio profissional; Tratamento.

### Abstract

This paper is presented as an experience report on art therapy workshops within the Regional Reference Centre on Drugs (RRC-North). The Federal University of Tocantins - UFT took part in the activities of the RRC-North through de participation of several professionals, among professors, nurses, psychologists, etc. This work seeks to show our experience in such workshops and has the support of a specific bibliography for a better discussion on the theme. The results showed the extremely helpful view of such a workshop for those who work directly with dependents and who are primarily responsible for the empowerment of dependents in their care.

**Keywords:** Drugs; Professional help; Treatment.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: walace@uft.edu.br

## Introdução

Este trabalho busca ser um relato de experiência sobre as oficinas de arteterapia, no âmbito do Centro Regional de Referência sobre Drogas (CRR-Norte) e dentro do curso intitulado “Saúde e Assistência: direito ao tratamento adequado ao dependente”. Tentando uma compreensão clara do empoderamento trazido pela feitura de trabalhos de arte popular durante o tratamento de dependentes de álcool e outras drogas, refletimos sobre as experiências das oficinas de arteterapia lecionadas nos municípios de Araguaína, Colinas do Tocantins e Guaraí, todos no estado do Tocantins. Gostaríamos de ressaltar aqui uma definição coerente para dependência:

Dependência vem de uma palavra latina que significa *dependere*, ou seja, estar intrinsecamente ligado a algo ou alguém, no caso à droga. É um vínculo desequilibrado que o indivíduo estabelece com as diferentes substâncias psicoativas, um conjunto de sinais que caracterizam a síndrome da dependência. É um fenômeno complexo, que exige um olhar para o indivíduo em diferentes fases da sua vida, dentro de um contexto onde pode fazer o uso de uma ou várias substâncias lícitas, ilícitas ou ambas. Então, não vamos olhar para a droga somente, mas para todo o contexto pessoal, social e psicológico da pessoa (SILVA, 2011, p. 36).

Assim sendo, os pontos apresentados nas oficinas de arteterapia se referiam à compreensão de que arte e o artesanato podem ser utilizados de forma terapêutica para auxiliar na valorização dos indivíduos, de que o ser humano deve ser o foco de qualquer tipo de tratamento, além da compreensão da arte e do artesanato enquanto possíveis ferramentas de reinserção social dos dependentes de álcool e outras drogas.

Focamos, também, nos benefícios psicológicos, culturais, históricos, financeiros e sociais da arte e do artesanato, em possíveis técnicas artísticas e artesanais para utilização e na compreensão das possibilidades da arteterapia

enquanto forma de valorização cidadã do dependente.

Neste sentido, buscamos formular oficinas que chegassem bem perto do público que lida diariamente com os dependentes, oferecendo possibilidades de reflexão sobre a utilização das artes populares (artesanal mesmo) e da importância de se repassar esses saberes para benefício de todos os envolvidos no tratamento das pessoas dependentes.

### **Arteterapia no âmbito do CRR-Norte**

A nocividade das drogas (principalmente as químicas) atualmente fabricadas faz com que os dependentes necessitem de tratamento adequado para cada dependência, fazendo com que o tratamento privilegie o cuidado a essa pessoa em uma perspectiva de cidadania, conforme nos informa Rodrigo Alencar:

Imprescindível rememorar que substâncias que interagem com o psiquismo acompanham a história humana em seus mais variados contextos. Porém, somente a sociedade pautada no incessante crescimento econômico, na qual vivemos hoje, pode produzir à sombra de seu desenvolvimento substâncias que circulam de formas tão nocivas por vias de consumo tão empobrecedoras em sua dimensão subjetiva (ALENCAR, 2011, p. 64).

Muito se tem falado sobre as drogas e seus dependentes, mas pouco se tem focado na pessoa e suas potencialidades. Vale ressaltar que o ser humano deve ser o centro de qualquer terapia. Parece faltar uma atitude positiva em relação aos tratamentos para dependentes de drogas. É Paulo Freire que nos revela que a vocação do ser humano é uma busca constante por sua própria humanização, uma busca por “ser mais”, uma crença, sempre presente, numa existência melhor, em um movimento de potência ontológica, conforme ele nos informa na passagem abaixo:

Pois bem; se falamos da humanização, do ser mais do homem – objetivo básico de sua busca permanente – reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (FREIRE, 1969, p. 127).

Assim, aqueles humanos com problemas que afetam diretamente sua existência ontológica no mundo, como no caso dos dependentes de álcool e outras drogas, encontram-se, utilizando-nos da visão de Paulo Freire, desumanizados e necessitados de amparo em vários campos. É, portanto, numa visão mais atual de cidadão com direitos e deveres que Denis Petuco nos informa sobre os discursos em relação aos dependentes de drogas:

A noção da dimensão da cidadania, da promoção de cidadania, traz também uma outra reflexão importante, que é a ideia de que existem alguns discursos que são interditos e alguns que são quase obrigatórios na hora de acolhermos pessoas que usam drogas. É como se houvesse apenas dois discursos permitidos às pessoas que usam drogas: os que vou chamar de heroicos, aquele da pessoa que já superou o problema das drogas e que hoje se apresentou como um exemplo, ou, então, aquilo que eu chamo de discurso desesperado, da pessoa que ainda não superou o problema da droga e que precisa desesperadamente de ajuda, qualquer ajuda (PETUCO, 2011, p. 135).

Ainda, neste sentido, vale compreender, enquanto terapia, um mecanismo auxiliar no tratamento de doenças e dependências. Assim, “Define-se tratamento como o conjunto de meios (terapias) empregados visando a debelar uma doença ou proporcionar ao doente cuidados paliativos” (REZENDE, 2010, p. 149).

Desta forma, uma oficina de arteterapia não funciona como tratamento médico para nenhum tipo de enfermidade ou mal, mas como um meio alternativo de valorizar o ser humano e de proporcionar-lhe bem-estar.

---

Assim sendo, conforme Edilson Santana, “A arte transcende. Propõe o rompimento do homem com a realidade, o seu encontro com a eternidade. Além disso, penetra profundamente no espírito humano, causando rupturas e devastações” (2007, p. 117), daí a tentativa de utilizarmos da arte e do artesanato enquanto forma de terapia. Ainda, tal oficina de arteterapia buscava funcionar na área da redução de danos para os dependentes de drogas, como nos informa Marcelo Sodelli:

A abordagem de Redução de Danos não tem como objetivo principal fazer com que o usuário interrompa o uso da droga, ou que o indivíduo nunca a experimente. Sua preocupação não é a de acabar com o consumo (entende que de algum modo sempre teremos que lidar com isso), mas sim pretende lidar com o modo como este consumo é realizado, priorizando, especificamente, diminuir os possíveis danos à saúde. Trabalhar a prevenção na perspectiva da abordagem de Redução de Danos é compreender que o melhor caminho para lidar com o uso de drogas não é o de decidir e definir pelos outros quais são os comportamentos mais adequados e corretos. Muito diferente disso, é construir, junto com o outro, possibilidades de escolhas mais autênticas e livres, diminuindo vulnerabilidades (SODELLI, 2011, p.16).

Também é através da valorização da pessoa pela via de suas criações artísticas que Alain de Botton e John Armstrong nos falam sobre o valor da arte enquanto meio terapêutico a ser utilizado em várias áreas:

Como outros instrumentos, a arte tem o poder de ampliar nossas capacidades para além dos limites originalmente impostos pela natureza. A arte compensa algumas de nossas fraquezas inatas, nesse caso mais mentais do que físicas, fraquezas que podemos chamar de fragilidades psicológicas. Aqui, propomos que a arte (categoria que inclui obras de design, arquitetura e artesanato) é um meio terapêutico que pode ajudar a guiar, incentivar e consolar o espectador, permitindo-lhe evoluir (BOTTON; ARMSTRONG, 2014, p. 5).

No mesmo caminho, porém focando na área da educação, Simone Selbach

(2010, p. 20) nos informa que a educação pela arte pode fazer com que as pessoas olhem de forma diferente para os detalhes de sua vida, causando aprendizagens significativas.

Desta forma, tentamos focar na relação arte *versus* artesanato, pois as pessoas se sentem intimidadas quando falamos de artes, por não conhecerem muito sobre as famosas obras da história da arte e por terem tido uma parca educação artística no âmbito escolar. No entanto, tentamos desfazer esta contradição utilizando o pensamento de Walter Gropius, conforme a passagem seguinte nos deixa ver:

Walter Gropius (1883-1969), arquiteto, designer e um dos fundadores da escola Bauhaus (esta escola funcionou entre 1919 e 1933), compreendia que técnica e utilitarismo não inviabilizavam o caráter estético das peças feitas por artesãos. Foi neste sentido de unificação de beleza e utilitarismo que trabalhou a Bauhaus, criando o design (RODRIGUES, 2012, p. 87).

Ainda, buscamos fazer com que os cursistas compreendessem que esta diferenciação entre arte e artesanato não caberia em nossa oficina, pois valorizaríamos qualquer trabalho com valor estético, mesmo que este fosse utilitário. Rodrigues nos mostra que a diferenciação entre arte e artesanato passa pela esfera do poder representacional excludente dos mais “abastados” economicamente:

[...] as diferenças ocidentais entre o que é arte e o que é artesanato (ou ao que está ligado ao artesanato) sempre passou pelo crivo representacional ocidental. Quando os europeus representavam o “outro”, eles sempre o faziam de maneira a colocarem-se no topo da representação, seja ela social, cultural, histórica ou antropológica, entre outras. Se mesmo hoje em dia, dentro da própria Europa, a mentalidade dualista que separa artesanato e arte prevalece é porque parece existir uma necessidade de afirmação social por parte dos mais abastados financeiramente (aqui também culpamos a ideia da posse consumista capitalista como mecanismo de divisão social),

classificando o artesanato como ligado aos pobres e simplesmente como um fazer sem pensar (RODRIGUES, 2012, p. 92).

Além disto, o material utilizado para qualquer trabalho artístico tem um valor significativo que precede o trabalho terminado. O algodão serve para fazer um tapete, mas tiras de roupa usada também servem, e cada material “fala” de uma maneira específica, conforme nos mostra Fayga Ostrower:

Transformando-se, a matéria não é destituída de seu caráter. Pelo contrário, ela é mais diferenciada e, ao mesmo tempo, é definida como um modo de ser. Transformando-se e adquirindo forma nova, a matéria adquire unicidade e é reafirmada em sua essência. Ela se torna matéria configurada, matéria-e-forma, e nessa síntese entre o geral e o único é impregnada de significações (OSTROWER, 1987, p. 51).

Também, as oficinas de arteterapia tinham uma forte vontade de valorizar as pessoas em suas descobertas, suas vivências e suas habilidades, tirando o foco importante dado às drogas e buscando focar no ser humano. Assim, instrutor e aprendiz podem trabalhar com a arteterapia para além da simples confecção de objetos, conforme nos informa Elliot Eisner:

[...] a arte tem conteúdos específicos a oferecer, algo inerente às artes. Afirmávamos que o aprendizado artístico compreendia mais do que a habilidade de utilizar materiais de arte, e conceituamos o papel do professor [instrutor] de forma ativa e exigente, e não simplesmente um fornecedor de materiais e um apoio emocional (EISNER, Elliot apud BARBOSA, 2011, p. 80).

Desta forma, buscamos, agora, relatar como ocorreram as oficinas. As oficinas de arteterapia ocorreram nos seguintes locais e dias: em Araguaína, no dia 16 de abril de 2016; em Colinas do Tocantins, no dia 20 de maio de 2016; e em Guaraí, no dia 20 de agosto de 2016. Todas as oficinas buscaram ter a mesma

estrutura.

Num primeiro momento, trabalhamos com um texto do livro *Artes visuais e música*, de Consuelo Schilichta e Isis Tavares. Fizemos uma leitura coletiva, buscando compreender a utilidade da arte e do artesanato, entender o valor da arte e de artesanato enquanto ferramentas de valorização pessoal e compreender sua útil “inutilidade”.

As discussões fluíram muito bem, e os cursistas puderam vislumbrar um pouco da importância das artes para a melhora de vida das pessoas. Foi neste momento que buscamos desfazer os preconceitos em relação à arte e ao artesanato, qualificando-os num mesmo patamar de importância para o aprendizado e para a utilização em arteterapia.

Não nos importava se uma pessoa conseguia pintar a óleo de forma acadêmica ou se ela conseguia tecer tapetes de barbante, pois ambas as habilidades trazem em si os mecanismos da criação artística e de compreensão estética. Além disto, para uma população mais modesta, o tapete venderia mais rápido do que a pintura a óleo.

Após a leitura e discussão ativa do texto, deixamos ver uma apresentação de *datashow* sobre técnicas artísticas e artesanais, dando a conhecer as várias possibilidades de trabalhos artísticos com uso, preferencialmente, de materiais recicláveis.

Usamos muitas imagens de artesanatos executados com objetos descartados, imagens de técnicas de cerâmica popular, imagens de técnicas de tecelagem, enfim, muitas imagens de criações artísticas populares. Os participantes se interessaram muito sobre as várias formas de artesanato e sobre como executá-los.

Vale ressaltar que o público das oficinas era composto por muitas pessoas ligadas à área de saúde e sujeitos da área de tratamento de dependentes, o que confirmava o interesse na oficina de arteterapia, pois eles poderiam utilizar-se das



técnicas artísticas apresentadas para confeccionar os mais variados tipos de artesanatos com seus “pacientes”, sendo, portanto, propagadores de formas de valorização das pessoas através de seus trabalhos produtivos na área de artes. Após este momento, tínhamos uma parada para o almoço.

Após o almoço, os participantes trouxeram de casa e apresentaram seus próprios trabalhos artesanais, ensinando aos colegas como confeccioná-los. Os trabalhos artesanais foram expostos sobre mesas e cadeiras para a apreciação e para que a curiosidade fosse aguçada. Depois disto, cada um que expunha seus trabalhos explicava como se confeccionava tal trabalho, com quais materiais, quanto tempo levava, entre outras informações. A figura 1 deixa ver os trabalhos manuais executados pelos cursistas de Colinas do Tocantins.

Muitos cursistas aprenderam novas técnicas de trabalhos manuais e descobriram em seus colegas de trabalhos verdadeiros artistas e pessoas possíveis de ensinar em instituições de saúde (como propagadores de saberes e fazeres) e para dependentes de álcool e drogas.

Figura 1 - Alguns trabalhos dos cursistas de Colinas do Tocantins.



Fotografia de Wallace Rodrigues.

Fechamos a oficina com a exibição do filme *Basquiat* (ver figura 2), para mostrar como a arte pode mudar a vida de uma pessoa, valorizando-a, dando a ela a autoestima que estava esquecida e precisava ser despertada.

Tal filme retrata, de forma artística, a vida do famoso pintor norte-americano Jean-Michel Basquiat (Nova Iorque, 22 de dezembro de 1960 - Nova Iorque, 12 de agosto de 1988). Este filme foi lançado em 1996, nos Estados Unidos, escrito por Julian Schnabel e Michael Thomas Holman e dirigido pelo próprio Julian Schnabel.

Ele mostra *flashs* artísticos da infância do artista, de sua relação com a mãe e o pai, e foca na ascensão de Jean-Michel Basquiat enquanto artista plástico e em sua amizade muito próxima com o renomado artista pop Andy Warhol. Vale lembrar que o filme é uma representação artística da vida do pintor, onde nem todos os fatos correspondiam à realidade fiel.

A dependência de Basquiat faz com que ele tenha muitos problemas, um deles é não conseguir administrar sua vida artística, sua rápida fama e sua vida

afetiva (tanto com as namoradas, quanto com os amigos e com a família). Seu destino final acaba sendo uma morte por overdose de heroína.

O filme não tem um final feliz para Basquiat, mas deixa ver as várias oportunidades que ele teve e como a arte foi um dos possíveis caminhos para que ele tivesse uma vida mais saudável e social e emocionalmente mais estável.

Após a apresentação do filme, havia uma discussão sobre o seu enredo e as variáveis que o levaram ao uso excessivo de álcool e de drogas químicas. Essa discussão levantava exemplos de pacientes, principalmente das enfermeiras, sobre possibilidades de reabilitação.

Em todas as oficinas, uma lista de presença foi assinada, tanto na parte da manhã quanto da tarde. Para nossa surpresa, o número de atendentes aumentava na parte da tarde e todos os participantes ficaram até o final das atividades.

Podemos dizer que as oficinas de arteterapia contribuíram bastante para uma reflexão acerca da importância prática terapêutica das formas diversas de fazeres artísticos em relação à valorização e à reabilitação social dos dependentes. Desta forma, ousamos demonstrar que há um real benefício na proposta de pensar que “a arte possui uma função terapêutica que nos ajuda a ter uma vida mais plena” (BOTTON; ARMSTRONG, 2014).

Figura 3 – Uma cursista da oficina cantando e outra tocando violão, em Colinas do Tocantins.



Fotografia de Wallace Rodrigues.

Não somente ousamos pensar desta forma, mas tivemos reconhecimento dos cursistas, já que foram extremamente receptivos à nossa proposta de utilizar a arte enquanto meio terapêutico no tratamento de dependentes de álcool e outras drogas.

### **Considerações finais**

Este relato tentou mostrar que a busca por uma visão mais humanizada dos tratamentos para dependentes de álcool e outras drogas se colocou como fator preponderante das oficinas de arteterapia. Assim, a educação para uma vida saudável e o fazer artístico podem ser caminhos que levam a um engrandecimento pessoal e social, gerando bem-estar, saber e trabalho.

Conforme nos informa Rodrigues (2012), não valorizar o fazer artístico

---

daqueles em alguma situação vulnerável, somente reforça preconceitos sociais e de classe arraigados em nossa sociedade extremamente excludente. Assim, a educação e a arte-educação podem ser ferramentas poderosas na valorização das pessoas, através de seus saberes e suas produções:

Se para as elites a distinção entre arte e artesanato é necessária para a manutenção de um sistema social desigual, ao artista esta distinção parece desaparecer aos poucos na atualidade, como vimos anteriormente. Esperemos, então, que esta diferença desapareça definitivamente com a democratização da informação e da educação, favorecendo uma riqueza interpretativa da arte e uma educação estética de qualidade para os menos favorecidos (RODRIGUES, 2012, p. 94).

Os resultados mostraram a visão extremamente proveitosa de tal oficina para aqueles que trabalham diretamente com os dependentes e que são as pessoas primeiramente responsáveis pelo empoderamento dos dependentes em seus cuidados.

Assim, qualquer tratamento ou terapia em benefício dos dependentes de álcool e outras drogas deve levar em conta a reabilitação do ser humano e sua valorização sócio-histórico-cultural. Acreditando na reabilitação através de aprendizagens para a vida é que Paulo Freire nos diz que:

Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encararmos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 1969, p. 124).

Portanto, a intenção das oficinas de arteterapia era considerar cada ser humano capaz de criar artisticamente, valorizando suas habilidades, sua

inventividade e sua criatividade, assim, portanto, destacando a pessoa que, neste momento de sua vida, passa por um processo de reabilitação pessoal, psicológico e social.

Finalizando, pudemos verificar que várias modalidades e alternativas terapêuticas podem ser utilizadas no tratamento de dependentes de álcool e outras drogas, incluindo-se aí a arteterapia, enquanto forma de evidenciação de habilidades manuais, intelectuais, interpessoais, culturais e sociais.

### Referências

ALENCAR, Rodrigo. Crack e mídia: comunicação e propaganda na idade da pedra. IN: *Álcool e Outras Drogas*. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. São Paulo: CRPSP, 2011, pág. 61-66.

BARBOSA, Ana Mae et al. *Arte-Educação: leitura no subsolo*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOTTON, Alain de; ARMSTRONG, John. *Arte como terapia*. Tradução de Denise Bottmann. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. O Papel da Educação na Humanização. *Revista Paz e Terra*. Ano IV, nº 9, Outubro, p. 123-132, 1969.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PETUCO, Denis Roberto da Silva. Redução de danos. IN: *Álcool e Outras Drogas*. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. São Paulo: CRPSP, 2011, pág. 127-138.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Linguagem médica, Terapia, Terapêutica, Tratamento. IN: *Revista de Patologia Tropical*. Vol. 39 (2), p. 149-150, abr.-jun. 2010.

RODRIGUES, Wallace. Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. IN: *Cultura Visual*. N. 18, Salvador: EDUFBA, p. 85-95, dez. 2012.

SANTANA, Edilson. *Filosofar é preciso*. São Paulo: DPL Editora, 2007.

SCHLICHTA, Consuelo A. B. D.; TAVARES, Isis M. *Artes visuais e música*. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.

SELBACH, Simone et al. *Arte e didática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Eroy Aparecida da. Intervenções clínicas: o uso, abuso e dependência de drogas. IN: *Alcool e Outras Drogas*. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. São Paulo: CRPSP, 2011, pág. 35-42.

SODELLI, Marcelo. Drogas e ser humano: a prevenção do possível. IN: *Álcool e outras drogas*. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. São Paulo: CRPSP, 2011, pág. 15-21.